

# O Diário do Outro\*

## (Le Journal de l'autre)

Nádia Battella Gotlib<sup>1</sup>

**RESUMO:** A produção literária de Simone de Beauvoir marca-se pelo seu caráter acentuadamente autobiográfico. E também por manter aí um constante diálogo com o seu companheiro Sartre. Sob esta perspectiva, *A Cerimônia do Adeus* (1981), que relata os dez últimos anos de vida de Sartre, apresenta uma estrutura narrativa curiosa: propõe-se como um diário, mas do *outro*, pois a narradora tenta anular-se em favor da reconstrução de um retrato de Sartre. No entanto, por injunção desta proposta, inviável, o texto acaba transformando-se num ponto de convergência de vários gêneros narrativos, tendo em vista o caráter múltiplo de personalidade do biografado. E este personalizado trabalho narrativo, à revelia da própria autora, acarreta o processo inverso: o texto transforma-se num retrato de Simone. Consuma-se, desta forma, no próprio corpo do texto, o movimento de sedução, em que ambos, homem e mulher, realizam-se como sujeitos necessários Um ao Outro.

«Não falemos de mim.  
Trata-se de você».

(Simone de Beauvoir a Sartre por ocasião de depoimentos prestados por Sartre numa entrevista).

---

\* Recebido para publicação em abril de 1988.

1. Professora Assistente-Doutora de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo. Professora Visitante da Faculdade de Letras da UFMG.

No início dos anos 70, em 1972, Simone de Beauvoir publica mais uma obra que trazia a marca de quase toda a sua produção: o caráter autobiográfico.<sup>2</sup> Altera-se, contudo, o método. A ordem cronológica que tirava das épocas a sua tríplice dimensão de se constituir como um passado, presente e futuro, acompanhando a sua progressão no tempo, substitui a ordem temática, livre do tempo como “fio condutor”: neste *Balanco Final* de vida, “já não tenho a impressão de ir em direção a meu fim, mas somente de deslizar inevitavelmente para meu túmulo.”<sup>3</sup>

Apesar da presença patente da morte, este não seria, ainda, o derradeiro balanço final de um percurso que contava com *Memórias de uma moça bem comportada*, com *A Força da Idade* e com *A Velhice*. E com uma obra de ficção e de ensaio em que também é intensa a presença de um repertório nitidamente autobiográfico pela forma de caráter de linguagem intimamente compromissada com a história e depoimento de uma experiência existencial.

Parece que o fio desta história de linguagem se situa na seleção do seu próprio tema: a aventura do *eu* em processo de construção da sua aventura de liberdade — ou identidade, em que tende a perder a noção dos seus próprios limites ao aí descobrir-se: “Lancei-me numa aventura imprudente, quando comecei a falar de mim; começa-se; não se acaba mais”.<sup>4</sup> Nesta história, a história do Sartre compete a Sartre: “minha vida viu-se estreitamente ligada à de Jean Paul Sartre; mas sua história ele espera contá-la ele próprio e abandono-lhe a tarefa. Só estudarei suas idéias, seus trabalhos, só falarei nele na medida em que interveio em minha existência”.<sup>5</sup>

Tais planos logo sofreriam alterações. E faz-se o percurso inverso. O seu livro-diário de 1981, publicado no Brasil em 1982, remete ainda para a história desta relação, a relação homem/mulher, Simone/Sartre, mas a partir de uma situação irremediável: a morte dele, que ela relata nesta obra, intitulada, muito a propósito,

---

2. Este texto foi redigido para ser lido em mesa-redonda sobre «Simone de Beauvoir» na UNESP — Ciências Sociais, em Araraquara, SP, a 20 de maio de 1986.

3. BEAUVOIR, 1982a, p. 8.

4. BEAUVOIR, 1984, p. 9.

5. *Ibidem*, p. 11.

A *Cerimônia do Adeus*<sup>6</sup> e que se propõe como uma história, sobretudo, de Sartre. Não de Simone.

È este o primeiro livro escrito sem a companhia do outro. E sem poder contar com a presença deste outro como leitor. Afirma Simone: “Eis aqui meu primeiro livro — o único certamente — que você leu antes que o imprimissem. Embora todo dedicado a você, ele já não lhe concerne.” E mais: foi livro escrito mediante a certeza de uma separação definitiva. E afirma Simone: “Você está *enclausurado*; não sairá daí e eu não me juntarei a você: mesmo que me enterrem ao seu lado, de suas cinzas para meus restos não haverá nenhuma passagem.”

Esta fala emerge na solidão dupla de uma paixão por um ausente definitivo, de cuja presença, calcada nesta paixão, o discurso se alimenta, em função do qual existe e ao qual, inapelavelmente, se dirige. Mas sabendo, no entanto, que “este *você* é um engodo, um artifício retórico. Ninguém me ouve: não falo com ninguém”. Por isso, o *tu* do seu discurso é e não é mais Sartre. E por vezes transfere-se para uma extensão de Sartre aqui presente: os seus amigos. Daí a real dedicatória, à página anterior: “Aos que amaram Sartre, que o amam, que o amarão”. E que repete no Prefácio: “àqueles que desejam conhecer melhor seus últimos anos.”

De fato, eis aí um *diário* de vida — ou um anuário, desde que os fatos se agrupam ano a ano, de 1970 a 1980: “Este relato baseia-se essencialmente no diário que mantive durante esses dez anos”. E acrescenta: “E também em inúmeros testemunhos que recolhi.” Nesta montagem, revive-se o percurso de um passado atento aos pontos de vista de tantos outros. Desta forma, trata-se do *diário*, que traz, na tradição do gênero, a atitude de *recolhimento*, por vezes de *refúgio* para aí se tatear, ora perscrutar, ora conquistar a construção da própria identidade e de outros. Mas o retrospecto constrói-se preconizando, já, um parentesco com a atividade da *pesquisa*, numa espécie de *reportagem* cuidadosa de caráter contextual: os que acompanharam o seu objeto — de paixão e de discurso —, ao longo dos dez últimos anos de sua vida.

Portanto o *eu* que escreve *em função de, para e de* um interlocutor necessário, tenta abstrair-se de seu próprio eu. Estes anos

---

6. Todas as citações são extraídas de BEAUVOIR (1982b). O «Prefácio» de que extraio estas citações encontra-se à página 11.

— afirma Simone — “relatei-os tal como os vivi. Falei um pouco de mim, porque a testemunha faz parte de seu testemunho, mas fiz isso o menos possível”. E a razão disso, segundo a escritora, estava na diferença, ou mesmo na distância, que existe entre a realidade, dura, penosa, destes momentos difíceis — e a sua representação impossível, conforme ilustra a resposta que dava aos amigos, quando lhe perguntavam como aceitava as coisas: “Isso não pode ser dito, isso não pode ser escrito, isso não pode ser pensado; isso se vive, e é tudo.”

Existe, pois, um repertório bem definido neste texto do “Prefácio”: Aí aparece o *tema* do livro: descrever o fim de Sartre; e também o *modo*: o gênero de ‘diário’ de uma mulher que com ele conviveu nestes 10 anos — e também anteriormente; o *procedimento* que adota: de um pretense realismo de teor autobiográfico e uma pretensa abstenção do eu. Surge deste repertório um gênero curioso: um *diário*, tal como reza a tradição de discurso em primeira pessoa, mas de um *outro sujeito*, que é o objeto a quem o narrador, sistematicamente, tende a delegar a primazia do relato e o protagonismo do discurso.

Esta intenção de ceder à *presença do outro* cumpre-se. E sob este aspecto, este tipo especial de diário, do outro, apresenta também o caráter de *biografia* minuciosa de Sartre nesta década de 70. E, conseqüentemente, dado o caráter do biografado, esta característica se multiplica em outras tantas mais.

O que surge é um Sartre múltiplo, coerentemente múltiplo. Trata-se do intelectual militante político na defesa do “socialismo descentralizador” em trabalho de criação do “homem socialista com base em sua terra, sua língua e mesmo seus costumes renovados” (p. 26). Em cartas, manifestos, conferências, passeatas, declarações à imprensa, aparece na luta pelos direitos do operariado, pela reforma do regime carcerário, pela defesa dos imigrantes e presos políticos, manifestando-se contra a repressão em Cuba, Rússia, Alemanha, França, Tchecoslováquia, Espanha, Argentina, Itália, Argélia, Israel, Brasil. Ativo na imprensa, batalhou em jornais esquerdistas como *La Cause du Peuple*, colaborou no *Les Temps Modernes*, fundou a Agência de Imprensa Libération, o jornal *Libération* (1973), enquanto trabalhava também na editora Gallimard, na coleção “La France Sauvage”, ou preparava programas na TV sobre a história da França — que, aliás, não chegaram a se consumir.

Estes anos 70 carregam, no bojo, o vácuo dos célebres acontecimentos de 68.

Atrás deste *novo intelectual* que procurara fundir-se com a massa proletária, persistia o professor-escritor que redigia estudos críticos sobre Flaubert e Pasolini. E o viajante, *a serviço*, em Israel, Itália, Grécia, Portugal, em conferências, por vezes relatadas com 'humor'. Como a que se realizou em Bruxelas. Enquanto Sartre falava seriamente da "Justiça de classe e justiça popular", o público burguês de mulheres bem penteadas — (vistas, naturalmente, por Simone, que o acompanhou) reclamavam que Sartre estava mal vestido, que não tinha valido a pena tanta arrumação, enquanto, ainda, o amigo Astruc (que fez filme sobre Sartre) tirava fotos mas com as calças caindo, aparecendo-lhes as nádegas...

Desta forma, o *diário* que traz *biografia* de tal biografado, transforma-se assim, em obra de *informações* necessárias à compreensão da *história social e política das lutas trabalhistas* contra a repressão e a violência policial na França e fora dela. Mas neste relato minucioso de fatos ligados à vida de Sartre, a narradora também enxerta *símulas de depoimentos* prestados por Sartre em *entrevistas* que lhe fizeram — publicadas no *Libération* (como as feitas com Victor e Gavi), aproveitadas em filme (como no filme sobre Sartre, por Contat e Astruc, em 1972), ou que constituíram o seu "Auto-Retrato aos Setenta Anos", de 1975.

Os *relatos dentro de relatos*, apesar de estarem amarrados por uma narradora, Simone de Beauvoir, deixam mais solta a imagem de Sartre, por vezes mediante citações, e talvez pela pretensa tendência a compor uma impossível *auto-imagem* de Sartre, a querer, ela, construir o retrato dele como se fosse feito pelo próprio Sartre, como se fosse um *auto-retrato*, uma outra modalidade, esta, de tentar reviver um Sartre que não existe mais: o Sartre por si mesmo.

Tais atividades do homem jornalista, intelectual, escritor, militante esquerdista, dramaturgo, conferencista, filósofo existencialista, aparece indissociavelmente integrada com o seu lado de homem comum, cidadão habitante de Paris, amigo, amante, companheiro.

Simone de Beauvoir acompanha-o também, com igual discrição, por este seu cotidiano, como demonstram passagens referentes ao ano de 1970:

“Sartre estava satisfeito com seus diversos engajamentos, quando, após uma agradável temporada em Roma, retornamos a Paris, em setembro de 1970. Ele morava num pequeno e austero apartamento, no décimo andar de um prédio do Bulevar Raspail, em frente ao cemitério de Montparnasse e bem perto de minha casa. Gostava de lá. Levava uma vida bastante rotineira. Via regularmente velhas amigas: Wanda K., Michèle Vian e sua filha adotiva Arlette Erkain, em casa de quem dormia duas noites por semana. As outras noites, passava-as em minha casa. Conversávamos, ouvíamos música.” (p. 18)

Os dados da vida diária em Paris, que, no seu conjunto, se assemelham a uma *crônica de costumes* da intelectualidade parisiense — que lê muito, escreve muito, age muito — que frequenta o *Café Liberté* e se reúne às vezes em grupo com Foucault, Genet, Cocteau, Deleuze — alternam-se com os dados da vida fora de Paris, sobretudo nos meses de férias.

Neste caso, o *diário* desdobra-se em novo gênero. Ganha características do *livro de viagens*, com roteiros de passeios, em que a narradora se deleita em descrições, concisas, que transmitem o aconchego dos interiores e o colorido das paisagens. Como a de Saint-Paul-de-Vence.

“Havia lá um grande quarto, que dava para um terraço minúsculo, e uma ampla sala de estar, de paredes caiadas e vigas aparentes e com bonitos quadros de Calder em cores vivas. Estava mobiliada com uma comprida mesa de madeira, um divã, um bufê, e dava para o jardim. Era lá que eu passava a maioria de minhas noites com Sartre. Bebíamos uísque e conversávamos. Jantávamos um pouco de salsichão ou uma barra de chocolate. No almoço, em compensação, eu o levava aos bons restaurantes das redondezas”. (p. 28)

Ao roteiro da viagem de cada um com seus companheiros incluía-se, posteriormente, o encontro dos dois, quase sempre na Itália, quase todos os anos.

“Ocupávamos sempre aquele apartamento-terraço que nos encantava. E, como hábito, líamos, ouvíamos música” (p. 51-2).

Em Milão, o Hotel de la Scala traz, por sua vez, outras recordações: “foi lá que tínhamos ficado em 1946, quando havíamos descoberto a Itália com tanta felicidade” (p. 95). E também o

mar de Rodes, na Grécia, lembra-lhe “um pouco Copacabana” (p. 118).

Entre tais viagens, algumas pequenas separações. Como aquela, em 1972, que já lhe faz pressentir uma separação futura.

“Ainda assim, sentia-me angustiada por deixá-lo. Ele ia passar três semanas com Arlette, duas com Wanda, enquanto eu viajaria com Sylvie. Gostava dessas viagens, mas a separação de Sartre era sempre um pequeno choque para mim. Desta vez, almocei com ele no La Coupole, onde Sylvie iria buscar-me às quatro horas. Levantei-me três minutos antes. Ele sorriu, de maneira indefinível, e disse: “Agora, é a cerimônia do adeus!” Toquei-lhe o ombro, sem responder. O sorriso, a frase me perseguiram durante muito tempo. Atribuía a palavra “adeus” o sentido supremo que ela teve alguns anos depois: mas na época eu era a única a pronunciá-la” (p. 35).

Esta ‘cerimônia’ acontece simultaneamente ao relato da doença. A doença transforma-se no ritual, a evidenciar e, ao mesmo tempo, esconder o segredo maior, que se experimenta com respeito e terror. Os sintomas vão aos poucos ocupando maior espaço e dominando a narrativa. Desde a menção breve e contundente de Sartre no Café La Coupole, que de certa forma aciona o mecanismo ritualístico da separação. E desde os seus primeiros sintomas, quando o cigarro lhe cai das mãos, esbarra em móveis, cai pelo chão, tem falhas de memória, sente vertigens, sonolência, tem divagações. Volta a hipertensão, que aparecera em 1954 no final da sua viagem à Rússia. E depois chegam os pequenos ataques e paralisias, que lhe impedem de escrever. E a gradativa cegueira, que lhe impede de ler. Vem o medo do ridículo. E a firmeza em não admitir o próprio sofrimento.

Toda cerimônia exige respeito grave. Por isso, neste percurso de oscilação entre alegrias ilusórias e sofrimentos certos, nenhum dado de realidade cai no grotesco vulgar. Pode-se considerar esta atitude da narradora, a de respeitoso e discreto cuidado ao participar desta ‘cerimônia do adeus’ o *eixo* que comanda o seu texto e que lhe confere definida *personalidade de autoria*, desmanchando, assim, e até certo ponto, a pseudo-objetividade que anuncia no seu Prefácio.

A narradora está presente em todas as fases deste adeus. Por vezes, modestamente, entre parênteses; noutras, mais diretamente — nos seus comentários, análises, reações, indagações, conclusões.

Quando ela lhe pergunta, por exemplo, se a falta de controle fisiológico perturbava-o afirma Simone: "Ele me respondeu, sorrindo: "É preciso ser modesto, quando se é velho." E ela comenta: "Fiquei emocionada com sua simplicidade, com essa modéstia tão nova nele; e, ao mesmo tempo, sentia-me triste por sua falta de agressividade, por sua resignação" (pág. 52-3).

Ou então, ao tentar interpretar a seqüência dos acontecimentos que o levava à exaustão, principalmente sua obsessão pelo trabalho, ela conclui:

"O que é certo é que o drama de seus últimos anos é a consequência de toda a sua vida. É a ele que se podem explicar as palavras de Rilke: "Cada um carrega sua morte em si, como a fruta seu caroço." Sartre teve o declínio e a morte que sua vida preparava. E talvez por isso os tenha aceitado tão tranquilamente" (p. 140)

A narradora não esconde sua própria angústia: "É terrível assistir à agonia de uma esperança" (p. 91). E a admiração, subjacente, permanece, sempre: "Ele envelhece, é verdade, mas era verdadeiramente ele mesmo" (p. 143).

Nesta 'cerimônia' grave, neste acompanhar Simone de Beauvoir, que por sua vez, acompanhou Sartre, o ritual nos conduz a um texto aparentemente simples, em tom desprezioso, mas de nítidas qualidades literárias, dada a sua potencialidade sugestiva, na prática de uma somatória de procedimentos que apenas acentuam — e não diluem — a energia de uma linguagem narrativa comprometida com a experiência de *vida* de cada um — em si, e dos dois — entre si. Em narrativa que, talvez justamente por este compromisso com o vivido e revivido, em sentido amplo, acaba por abranger gêneros múltiplos e variados, tal como a narrativa de uma vida que é biografia, reportagem, depoimento, crônica de costumes, livro de viagens, história de sentimentos e paixões, história social e política da França e da militância esquerdista e da cultura e das mentalidades. Tudo, no diário do "outro". Mas num diário do *outro* que reverte sobre a própria autora, recuperando, assim, o verdadeiro sentido primordial do 'diário íntimo'.

Talvez a intenção tenha sido mesmo a de deixar o *outro*, Sartre, falar por si mesmo e pelos *outros* que o cercavam. Como num auto-retrato. Em que a narradora, já que se ausentar do discurso é impossível, procura minimizar sua presença, soltando seu perso-

nagem em cena, personagem que se quer apenas pessoa, desfuncionalizada, entre o quase mecânico e encantado fluxo do episódio cotidiano.

Mas a simples presença da autora, ainda que discretamente 'com' o outro, confere-lhe marcante desempenho narrador. Mostra-se respeitosa, sem sentimentalismo piegas, nem frias objetividades. Mostra-se digna no reconhecimento das fases da vida do companheiro, tanto no apogeu da sua potencialidade quanto na fase de sua degenerescência física e espiritual. Mostra-se, enfim, na narrativa, como parece ter sido na vida: inteligente e sensível, sabendo manter o difícil jogo da admiração e da crítica.

Homenagem digna essa, a de se *dar* ao outro e — parece que inevitavelmente, como em todo jogo de mútua sedução — a de *encontrar-se recebendo* do outro os reflexos da sua manifestação de amor e dedicação.

Numa entrevista de Sartre, em que Sartre, contudo, falava mais de Simone que de si mesmo, Simone interrompeu-o: "Não falemos de mim. Trata-se de você". Pois este texto, após a morte de Sartre, recupera esta troca de experiências que promoveu esta vida a dois: Simone quer dar a Sartre uma manifestação de dedicação — relatando o que ele fez — e foi: *num retrato de Sartre*; Sartre, no silêncio da sua presença, manifestando-se enquanto o outro de Simone, acaba, enquanto tal, revertendo o jogo narrativo, refletindo a imagem que o criou: *num retrato de Simone*.

Até que, ao final, não podemos distinguir um sem o outro, realizando, na prática, o que a experiência de índole teórica já fizera em *O Segundo Sexo*, nos idos 40, ao expor a necessidade de ambos, homem e mulher, manifestarem-se como sujeitos "dentro de uma totalidade cujos dois termos são necessários um ou Outro".<sup>7</sup>

Parece que esta narrativa, contrariando a firmeza da sua proposta primeira, volta-se contra si mesma, para reiterar uma *companhia*, o caminho a dois, cada um sendo tão profundamente si mesmo.

E o que se propunha como *A Cerimônia do Adeus*, embora o continue sendo, transforma-se, curiosamente, pelo seu modo especial de construção, numa *cerimônia de convívio* mais intenso de várias modalidades de discurso destas *duas existências compartilhadas*. E bem compartilhadas, segundo afirmação da própria Simone de

---

7. BEAUVOIR, 1980. p. 14.

Beauvoir, nesta sua última frase — ou declaração apaixonada — deste seu livro:

“Sua morte nos separa. Minha morte não nos reunirá. Assim é: já é belo que nossas vidas tenham podido harmonizar-se por tanto tempo.” (p. 168)

RÉSUMÉ: L'oeuvre de Simone de Beauvoir est marquée par son caractère fortement autobiographique, aussi bien que par le dialogue constant avec son partenaire Sartre. Sous une telle optique, LA CÉRÉMONIE DES ADIEUX (1981), qui raconte les dix dernières années de la vie de Sartre, présente une structure narrative curieuse: le livre se présente comme un Journal, mais le journal de l'autre, puisque la narratrice essaie de s'effacer face à la reconstruction d'un portrait de Sartre. Pourtant, à cause de cet objectif inaccessible, le texte finit par devenir un point de convergence de plusieurs genres de récit, étant donné le caractère multiple de la personnalité du sujet de la biographie. Ce travail narratif personnalisé va entraîner le processus inverse, malgré son auteur même: le récit devient un portrait de Simone. Ainsi, c'est dans le corps même du texte qu'a lieu le mouvement de séduction où homme et femme se réalisent comme sujets indispensables l'Un à l'Autre.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUVOIR, Simone de. *Balanço final* (1972). 3. ed. Trad. Rita Braga. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982a.
- BEAUVOIR, Simone de. *Cerimônia do adeus*. Seguido de: *Entrevistas com Jean Paul Sartre*. Agosto/Setembro 1974. (1981). Trad. Rita Braga. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982b.
- BEAUVOIR, Simone de. *A força da idade* (1960). Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo* (1949) Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.